

O USO DO SISTEMA PADLET NA PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO MÉDIO/NORMAL

THE USE OF THE PADLET SYSTEM IN TEXTUAL PRODUCTION IN MIDDLE SCHOOL

- **José Washington Vieira Silva** – (UFAL - washingtonvs1@hotmail.com)
- **Madileide de Oliveira Duarte** – (UFAL - madileideduarte@gmail.com)

Resumo

Ser leitor nos dias de hoje não se resume apenas a decodificação de um texto. Para tal, espera-se competência em executar uma gama de tarefas, bem como a produção de bons textos argumentativos. Sabe-se que o acesso à leitura e à escrita constitui um importante meio de alcance da democracia e do poder individual, o qual pode ser definido como a capacidade em compreender por que as coisas são como são. Quando a escola básica faz utilização de tecnológicas contemporâneas em prol da aprendizagem, ela amplia a capacidade argumentativa, melhora a escrita e, traz para dentro da escola, possibilidades múltiplas de assimilação e acomodação do conhecimento. A proposta metodológica apresentada neste relato de experiência se dá pela utilização do sistema padlet nas aulas de Língua Portuguesa no ensino médio/normal da Escola Estadual Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios-Alagoas. Os resultados da experiência com nesse ambiente de produção colaborativa (PADLET) se deu pela interação com o texto dos colegas, de forma colaborativa, sendo acompanhados em tempo real pelo professor, de smartphones ou computadores. Houve muita aprendizagem e as produções textuais foram à soma de esforços potenciais na participação interativa entre todos. Serviram como base para efetuar esse estudo, teóricos como: Antunes (2009), Brasil (2000), Gatti (1993), Almeida e Valente (2005), entre outros.

Palavras-chave: Padlet. Língua Portuguesa. Produção textual.

Abstract

Being a reader these days is not just about decoding a text. To this end, it is expected to perform a range of tasks, as well as the production of good argumentative texts. It is well known that access to reading and writing is an important means of reaching democracy and individual power, which can be defined as the capacity to understand why things are as they are. When the basic school makes use of contemporary technologies for learning, it expands the argumentative capacity, improves writing and, brings into the school, multiple possibilities of assimilation and accommodation of knowledge. The methodological proposal presented in this report of experience is given by the use of the padlet system in Portuguese Language classes in the middle / normal school of the Escola Estadual Graciliano Ramos in Palmeira dos Índios-Alagoas. The results of the experience with this collaborative production environment (PADLET) was based on the interaction with the text of the colleagues, in a collaborative way, being monitored in real time by the teacher, smartphones or computers. There was a lot of learning and textual productions went to the sum of potential efforts in interactive participation among all. They were used as a basis to carry out this study, such as: Antunes (2009), Brazil (2000), Gatti (1993), Almeida and Valente (2005), among others.

Keywords: Padlet. Portuguese language. Text production.

1. Introdução

Desde a antiguidade, a leitura e a escrita eram restritas somente aos nobres, que eram intitulados como “seres privilegiados”, por exemplo, na Grécia restringia-se aos filósofos e aristocratas, enquanto que em Roma, a escrita tornou-se uma forma de garantir os direitos dos nobres às propriedades. Conforme Brito (2010), na Idade Média, uma minoria da população era alfabetizada, somente nos mosteiros e nas abadias que se encontravam as únicas escolas e bibliotecas da época, e era lá que se preservavam e restauravam textos antigos da herança greco-romana. Com o tempo, o acesso à leitura e a escrita foi se ampliando e se multiplicando em detrimento do surgimento de tecnologias que foram transformando modos de vida, de um momento histórico-social para outro.

No meio educacional vários recursos tecnológicos são utilizados como meio de favorecer a aprendizagem. O estudo do uso de novas tecnologias no ensino da linguagem instiga o conhecimento a respeito das vertentes teóricas que abordam o tema, como também a ênfase dada ao assunto. É importante analisar que, como salienta Almeida e Valente (2005, p. 8), o emprego das tecnologias da informação e comunicação “impõe mudanças nos métodos de trabalho dos professores, gerando modificações no funcionamento das instituições e no sistema educativo”. E é neste caminho que a formação docente vem como uma forma de fornecer respaldo para que o professor construa conhecimento sobre as tecnologias (tanto tecnicamente, quanto pedagogicamente) e perceba como, porque e quando integrá-las a sua prática pedagógica.

Para além de um recurso limitador das possibilidades educacionais, a tecnologia pode ser utilizada como uma estratégia didática na interação professor-aluno-conhecimento. Retomando os conceitos estudados nas obras de Vigotski (1983), reflete-se ainda sobre o papel da interação no desenvolvimento da linguagem e da mediação no processo de ensino-aprendizagem.

Observando as transformações e mudanças sociais, a presente pesquisa apontará as possibilidades e benefícios ocasionados pelo uso da tecnologia na disciplina de Língua Portuguesa com a utilização do sistema *padlet* como ferramenta colaborativa na produção textual no ensino médio/normal da Escola Estadual Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios-Alagoas.

A utilização do sistema *padlet* tem como propósito reforçar os argumentos e melhorar a escrita dos estudantes do último ano preparando-os e dando-os segurança no processo de escrita de um texto dissertativo argumentativo, como será apresentado ao longo desta comunicação.

2. O papel da leitura na formação crítica

O processo de leitura e compreensão exige do leitor um conhecimento de mundo. Não se pode interpretar um texto ou produzi-lo de qualquer maneira, isto exige do estudante uma atenção e atualização dos fatos que o cerca. Só é possível fazer uma boa produção textual quando se tem conhecimento de mundo e de situações, exige-se também

que se tenha um repertório diversificado de palavras e noção de como utilizá-las bem no texto.

Na verdade, a leitura está relacionada não só a estes questionamentos, mas a inúmeros outros. O ato de ler é representado por meio da escrita, do som, da arte, dos cheiros. Cada leitor possui uma experiência própria, cotidiana e pessoal, tornando a leitura única, incapaz de se repetir, e este é o seu grande encanto. Através deste recurso, conseguimos compreender melhor o emprego da palavra, traçando ideias e conhecimentos, sendo possível entender o mundo que nos cerca, nos transformamos e, ao nos transformar, abrimos nossas mentes para o desconhecido, passando assim a construir um mundo melhor para cada um de nós.

Ao ler um texto ou um livro, interagimos não propriamente com o texto, mas com os leitores virtuais, que são constituídos no próprio ato da escrita. O autor os cria em seus textos e o leitor real, lê o texto e dele se apropria.

O texto passa assim a exercer uma mediação entre sujeitos, tendo a influência de estabelecer relações entre os leitores reais ou virtuais. O conceito de leitura na maior parte das vezes está relacionado com a decifração dos códigos linguísticos e sua aprendizagem. No entanto, não podemos deixar de levar em consideração o processo de formação social deste indivíduo, suas capacidades, sua cultura política e social.

Segundo Barthes (1977):

*Texto quer dizer Tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia. Se gostássemos dos neologismos, poderíamos definir a teoria do texto como uma hifologia (*hyphos* é o tecido e a teia da aranha) (BARTHES 1977, p. 82-83). Grifos Nossos.*

Seguindo essa linha de raciocínio de Barthes, se o texto se faz, se o sujeito se desfaz nele, então quanto maior for à formação crítica do leitor/escritor, quanto maior for seu conhecimento de mundo, maior tenderá ser sua capacidade de agir inteligentemente diante dessa teia, tecido, analogia tratada por Barthes.

3. E a escrita na escola?

Para Antunes (2003), a atividade da escrita é uma atividade interativa de expressão, é uma manifestação verbal de ideias, informações, intenções, crenças e sentimentos que queremos partilhar com alguém e interagir com ele. Ter o que dizer é, portanto, prévia para o êxito de escrever.

Segundo Antunes:

Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do “não ter o que dizer”. As palavras são apenas a mediação, elas se limitam a possibilitar a expressão do que é sabido, do que é pensado, do que é sentido (ANTUNES, 2003 p. 45).

Antunes (2009) diz que o insucesso da escrita é responsabilidade de muitos outros fatores, além da competência linguística. O insucesso, de fato, tem origens na ausência de uma condição básica, insubstituível, necessária. “Ou seja, tem raízes na contingência daquela intertextualidade não estimulada, da não providenciada na escola, que se satisfaz na rotina de escrever textos sem discussão prévia de informações e dados, sem planejamento, sem rascunhos, imobilizada numa única versão, em geral, improvisada” (ANTUNES, 2009, p. 167).

Então se falta informação e ideias, conseqüentemente irão faltar palavras e argumentos. É necessário ao aluno se informar, encher-se de ideias, ampliar seu repertório, alargar seus horizontes de percepções dos fatos ao seu redor. Só a partir de tal iniciativa começarão a surgir às palavras e ampliação da competência para a escrita, lembrando também que é necessária a prática de cada dia, do exercício de cada evento para o aluno.

O texto precisa desenvolver no aluno o potencial crítico e reflexivo, escrever vai além de conjuntos de orações e frases descontextualizadas, é preciso, em sala de aula, desenvolver e aguçar no aluno esse potencial.

O Letramento como prática social está relacionado ao uso da escrita, esta modalidade representa uma manifestação formal dos mais variados tipos de Letramento. Dessa forma, existem várias pessoas que sabem ler e escrever, porém não possuem uma compreensão do que está escrito, ou seja, elas conseguem decodificar as palavras, mas não as compreende. Já o letramento possui outra conotação. O indivíduo pode não ser alfabetizado e ser uma pessoa letrada. Marcuschi (2001) salienta que o letramento não é o equivalente à aquisição da escrita. Existem “letramentos sociais” que surgem e se desenvolve, não precisando por isso serem depreciados (MARCUSCHI, 2001, p. 19).

Ferrarezi Jr (2007, p. 31) traz seis grupos de conhecimentos fundamentais, segundo ele, para sistematização do aprendizado da língua materna:

1. Gostar muito de ler e saber ler bem;
2. Gostar muito de escrever e saber escrever bem;
3. Gostar muito de ouvir e saber ouvir bem;
4. Gostar de falar (não precisa ser muito...) e saber falar bem;
5. A semântica da língua;
6. Os princípios gramaticais estruturais que regem nossa língua [português no Brasil]: a formação das palavras e os fundamentos de sua classificação e os fundamentos da concordância e da regência (que são a base de funcionamento sintático do brasileiro, com suas principais implicações (tipos de estruturas sintáticas fundamentais da língua e suas características).

Portanto, é necessário discurso, questionamento por parte dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. É responsabilidade do professor como da escola direcionar, apontar, desenvolver caminhos possíveis, para que aluno aprimore e use de uma escrita que atenda às suas necessidades para diferentes condições, bem como o desenvolvimento de várias potencialidades ao longo da Educação Básica, tanto para a sistematização do aprendizado da língua materna como aprendizado das demais áreas do conhecimento e transversalidades possíveis, em geral. Diz Barthes (1977, p. 11): “O texto que o senhor escreve tem de me dar prova *de que ele me deseja*. Essa prova existe: é a escritura”.

4. Tecnologia e qualidade do processo ensino-aprendizagem

As vivências de estágio constituíram outra ferramenta, bem como projetos realizados e conversas com professores serviram de motivação para a escolha do contexto escolar como campo da pesquisa: por meio de observações ao projeto realizado na escola campo, em especial o ensino médio, foi possível perceber as dificuldades de muitos alunos em produzir textos. Apesar desta constatação, também foram realizadas conversas informais em salas com os alunos, os quais revelaram ter insegurança e dificuldades nas produções.

A incorporação das inovações tecnológicas só tem sentido se contribuir para a melhoria da qualidade do ensino, principalmente no contexto de produção. A simples presença de novas tecnologias na escola não é por si só, garantia de maior qualidade na educação, pois a aparente modernidade pode mascarar um ensino tradicional baseado na recepção e na memorização de informações (GATTI, 1993). Porém se bem utilizadas, as tecnologias dinamizam o ensino como uma experiência proveitosa tanto para aluno quanto para professor.

O Brasil é um país com grande diversidade regional, cultural e com grandes desigualdades sociais; portanto, não é possível pensar em um modelo único para incorporação de recursos tecnológicos na educação. É necessário pensar em propostas que atendam aos interesses e necessidades de cada região ou comunidade (BRASIL, 1998).

Tais situações foram analisadas no projeto que contrapõe as diversas realidades e opiniões dos alunos de uma turma de conclusão do ensino médio na escola pública. Buscando sanar as dificuldades e desmistificar que escrever é um processo difícil, entretanto, não intransponível de realização.

Sobre a diversidade brasileira, ainda, é Vasconcelos (2012) que nos diz:

Se pensarmos em termos da educação nacional, não podemos deixar de observar que, assim como as necessidades locais diferem entre si, há uma significativa diferença entre o aluno e o professor que estão na escola em um pequeno município do interior do Norte ou do Nordeste e aqueles que frequentam ou atual na escola pública do estado de São Paulo ou do Rio Grande do Sul, assim como são igualmente diferentes os alunos da periferia de uma grande metrópole e os alunos de uma pequena cidade do interior do estado. Todos os casos merecem atenção, no sentido de que todas as crianças e jovens têm o mesmo direito de alcançar um patamar digno para a inserção no mundo do trabalho, no mundo cultural e tecnológico, além de terem o direito de usufruir dos bens e equipamentos sociais, materiais e culturais, exercendo plenamente a cidadania e a possibilidade de participação política (VASCONCELOS 2012, p. 30-31).

Nesse sentido, o professor deve ser facilitador e orientador no processo da aprendizagem. Este deve usar de vários recursos para ampliar a habilidade de escrita nos alunos, sendo assim, é necessária conscientização do seu papel, deve haver preparo, estudo, dedicação e, algumas vezes, mudança de estratégia para se alcançar o objetivo. Se o foco estiver além da gramática, deve se dar atenção à compreensão dos textos, à clareza e precisão da linguagem. Buscar nas produções o máximo de qualidade possível.

Segundo Lévy (1996), a era atual das tecnologias da informação e comunicação estabelece uma nova forma de pensar sobre o mundo que vem substituindo princípios, valores, processos, produtos e instrumentos que mediam a ação do homem com o meio. Ainda conforme Lévy (1999), pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no começo de seu percurso profissional estará obsoleta ao fim de sua carreira.

Numa palestra professora Bernadete Gatti diz o seguinte: “quando as tecnologias adentraram no mundo da educação elas vieram trazendo uma outra linguagem, outra forma de estar, portanto novas metodologias e relacionamento professor aluno” (YOUTUBE, 2017).

5. O Padlet como recurso didático

As novas tecnologias vêm modificando significativamente as relações do homem com o mundo, visto que em cada segmento social encontramos a presença de instrumentos tecnológicos. A escola não pode ficar excluída desta realidade, devendo apropriar-se dos avanços tecnológicos e incorporá-los a prática educativa. É notório que os novos suportes e, instrumentos culturais da contemporaneidade, como o computador e a *internet*, têm-se tornado mediadores de alternativas de leitura e escrita. Neste sentido, a experiência em sala de aula para melhorar a argumentação em textos dissertativos acelera, e muito, o processo de ensino e aprendizagem, com projetos interativos que usem a rede eletrônica.

De acordo com Murano (2011, p. 28) o número de usuários que acessam a rede no Brasil aumentou 35% entre os anos 2008 e 2009. A *internet* é uma grande fonte de lazer, que possibilita fazer pesquisas, ler notícias, ver imagens, “visitar” museus e bibliotecas virtualmente, conhecer e “bater papo” com pessoas do mundo inteiro. Ainda segundo ele, “não é exagero afirmar que *e-mails*, *blogs* e redes de relacionamento já deixaram sua marca na produção textual contemporânea”.

Desta forma, para criar um espaço colaborativo com o *padlet* é necessário apenas um computador ou até mesmo um *smartphone*, e estar conectado à rede. “Enquanto montar um *site* exige ter conhecimento de programação de computadores ou pagar por esses acessórios, criar uma página na rede é simples e rápido. Há diversos programas de hospedagem de *blogs* disponíveis gratuitamente na *internet*” (Cereja; Magalhães, 2008, p. 202). A escolha desse gênero digital foi feita tanto pelo fato de ser dinâmico e permitir maior facilidade para a edição, atualização e manutenção dos textos, como também pelo fato de não promover custos para o mantenedor, como já vimos.

O Padlet é um site da Internet que permite que você colabore com outros usuários, fornecendo textos, fotos, links e outros conteúdos. Cada espaço colaborativo é chamado de “mural”, podendo ser usado como um quadro de avisos particular. Professores e empresas utilizam o Padlet para encorajar conversas criativas multimídia e *brainstorming* (WIKIHOW, online).

Compreendemos que a diversidade de textos dispostos na *internet* e contemplados pela TDIC contribui para ampliação do interesse de qualquer público nos gêneros textuais dispostos por lá. No entanto, filtrar todo o universo virtual é uma missão que só se faz valer se o leitor souber definir critérios para a seleção do que vai ler. Elencar a partir da vivência

em inúmeras situações de leitura permite definir qual gênero ler, se conhecer as características individuais de cada um.

6. Resultados alcançados

Esta comunicação, tendo como objetivo apresentar estratégias pedagógicas que favorecessem a produção argumentativa textual, por meio da ferramenta *padlet*, com alunos do magistério (normal) e do ensino médio (num único grupo), a escrita colaborativa por meio do sistema *padlet* proporcionou o aprimoramento da escrita dos alunos com as postagens de suas produções textuais sem que se sentissem pressionados, atribuindo a cada tópico acrescido, um sentido, de forma contextualizada. Sendo o *padlet* uma ferramenta na qual todos podem acessar e fazer comentários, os alunos buscaram minimizar seus erros e enriquecer suas produções com *links*, fotos, ilustrações e sons.

A metodologia utilizada nas atividades se deu com aplicação de textos para a leitura e pesquisas sobre temáticas sociais, discussões sobre os temas, guiadas pelo professor em sala de aula, observando o aprofundamento da temática e o entendimento individual de cada estudante. Seguida de produções de argumentos que defendesse o ponto de vista individual de cada aluno e orientações ortográficas e de pontuação. Diante disso, abre-se um espaço no ambiente colaborativo para que cada aluno coloque seu ponto de vista sobre determinadas temáticas. Nesse ambiente de produção, os alunos podiam interagir com o texto dos colegas, motivando-se a produzir de forma colaborativa, e individual sendo acompanhados, alunos e professor em tempo real, mediante a utilização de *smartphones* ou de computadores.

A linha de raciocínio no uso do *padlet* se aproxima do modo de utilização da enciclopédia livre – *wikipedia*, que se aproxima da ferramenta *wiki*, ferramenta utilizada na plataforma *moodle*, *locus* de desenvolvimento da modalidade de educação a distância.

Nos editores de textos coletivos, [...] a linguagem é um espaço simbólico para negociações, refutações, acordos e ressignificações sociais. Isto porque, enquanto planejam, implementam e editam um documento, os alunos envolvidos em uma situação de escrita cooperativa praticam, também por meio de textos, o uso da linguagem para a negociação e para a troca de ideias quanto aos aspectos semânticos e formais do texto que está sendo construído com seus pares (MERCADO et al., p. 123).

A plataforma *padlet* como elemento de avaliação serviu para apoiar os alunos com dificuldades na escrita, elaboração de argumentações utilizada em textos jornalísticos e científicos, com isso o aprendizado obteve muita colaboração.

Os alunos tiveram textos norteadores que necessitavam ser lidos para que o professor pudesse avaliar o contexto e pensamento no qual o aluno gostaria de se posicionar. Nessa situação, a atividade tratava de procedimentos de escrita nos quais os próprios estudante se ajudavam, e corrigiam uns os textos dos outros. Sem a preocupação de pensamento errôneo, os alunos produziram argumentação usando o sistema colaborativo no qual eles podiam postar vídeos, músicas, áudios, e outras mídias digitais

usando os próprios aparelhos em suas casas, sendo acompanhado em tempo real pelos outros colegas.

Os alunos utilizaram os recursos tecnológicos como, *smartphones* e computadores, para tal foram necessários à utilização de recursos como as narrativas digitais para que eles pudessem ganhar familiaridade com esses tipos de uso para obtenção de conhecimento na escrita e no posicionamento crítico sobre temáticas sociais.

A **narrativa digital**, também conhecida por *digital storytelling*, define-se como sendo uma ferramenta digital que apoia os alunos na criação de trabalhos escolares (estórias). Esta ferramenta é bastante poderosa, interativa e muitas vezes presente em formato atraente e emocionalmente envolvente. Pode-se também definir como sendo um processo pelo qual diversas pessoas partilham a sua história de vida elaborada com criatividade (WIKIPÉDIA, *online*). Grifos dos autores compartilhados.

O uso das novas tecnologias em educação como as mais diversas ferramentas de interação e comunicação cooperam para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Essa aplicabilidade de recursos motivam os alunos, tornando as aulas mais prazerosas.

Os recursos tecnológicos atuais, entre eles a Internet, desencadearam novas formas de ler, de escrever e, portanto, de pensar e agir. Visto sob este prisma, o processo educativo pressupõe uma nova forma de possibilitar a construção e a elaboração do conhecimento diferente do tradicional, a partir de características específicas das novas tecnologias.

A maneira como esses recursos são empregados contribui para a formação cidadã, para o aprendizado dos conteúdos produzindo reflexão sobre temáticas polemicas, como foi o caso do projeto. No caso dos alunos, o aprendizado nas divergências de opinião, o fortalecimento na argumentação e a normatização da escrita.

Levando em consideração que o ato de ler acompanha o Ser Humano a vida toda. No entanto, a leitura escolar é uma das formas de se fazer leitura, principalmente com as dificuldades da globalização e o atual contexto tecnológico promoveram novos desafios e problemas aos países desenvolvidos, à sua sociedade e ao seu contexto educativo, relacionados com o conhecimento efetivo das capacidades e das competências de leitura e escrita na sociedade e nos diferentes contextos da vida.

Expondo dessa forma, os alunos ao uso da tecnologia e a diversos textos de respectivas temáticas culturais e suas diversidades, pois elemento essencial para escrever é a leitura. A qual favoreceu aos alunos o processo de formação argumentativa e empoderamento da temática.

Por fim, os alunos finalizaram o projeto com uma variada capacidade argumentativa, opinativa em contextos aplicados à realidade de diferentes culturas, aprendendo a se posicionarem sobre diversos temas, valorizando cada ponto de vista. Com a produção do mural, gerado pelos textos dos alunos, a finalidade principal com a argumentação crítica atingiu seu propósito (Figura 1).

inserir a função comunicativa de forma que faça sentido, que seja compreensível. Para tanto, é necessário um trabalho árduo de todos envolvidos nesse processo: escola, professores e alunos. Cada um deve desempenhar da melhor forma seu papel.

Cabe ao professor, ainda, motivar seus alunos, portanto, os conteúdos devem levar à reflexão e compreensão para conscientizar os alunos quanto à necessidade de refletir sobre sua responsabilidade enquanto aluno e cidadão. Os alunos precisam ter a noção sobre a importância da escrita para a vida escolar, pessoal e profissional, contribuindo para sua formação geral enquanto cidadão, para que este seja um sujeito crítico e atuante na sociedade.

Por fim, além da atuação dos alunos como escritores, a formação sobre o entendimento de temáticas sociais, contribuiu relevantemente para uma formação crítica e social dos alunos envolvidos, tanto do ensino médio como do magistério, simultaneamente.

8. Referências

ALMEIDA, Fernando José; VALENTE, José Armando. **Visão Analítica da Informática na Educação no Brasil**: a questão da formação do professor. São Paulo, 2005.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontros & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1977.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Terceiro e Quarto Ciclos**: apresentação dos Temas Transversais. Brasília; MEC/SEF, 1998.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português**: linguagens, volume I. 6ª ed. reform. São Paulo: Atual, 2008.

FERRAREZI JR, Celso. **Ensinar o brasileiro**: respostas a 50 perguntas de professores de língua materna. São Paulo: Parábola, 2007.

GATTI, Bernadete. **Os agentes escolares e o computador no ensino**. São Paulo: FDE/ SEE. Ano 4, dez. 1993.

LEVY. Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido, 2ª ed., Rio de Janeiro: Lucerna, p. 13-67, 2005.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo et al. Internet e suas interfaces na formação para docência *online*. In: SILVA, Marco (org.). **Formação de professores para docência *online***. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 111-137.

MURANO, Edgard. O texto na era digital: **Revista Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Segmento, pp. 28-33. Ano 5, nº 64, fev. 2011.

PEDLET. Brasil Plural - Diversidade. Disponível em:
<<https://padlet.com/letrasespanolufal/eyej4okg7h4x>> Acesso em: 20 out. 2017.

VASCONCELOS, Maria Lucia. **Educação Básica: a formação do professor, relação professor-aluno, planejamento, mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2012.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Obras escolhidas III**. Moscou: Editorial Pedagógica, 1983.

WIKIHOW: como fazer de tudo. Como usar o Padlet. Disponível em:
<<https://pt.wikihow.com/Usar-o-Padlet>> Acesso em: 4 dez. 2017.

WIKIPÉDIA: enciclopédia livre. Narrativa digital. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Narrativa_digital> Acesso em: 4 dez. 2017.

YOUTUBE. Educação Básica Pública: Bernadete Angelina Gatti. Hélio Dias. Publicado a 27 ago. 2017. Acesso em: 25 nov. 2017.